

Teatro
11, 12 Fevereiro 2011

La casa de la fuerza

A casa da força
de Angélica Liddell

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Encenação Angélica Liddell **Interpretação** María Morales, Lola Jiménez, Getsemaní de San Marcos, Angélica Liddell, Perla Bonilla, Cynthia Aguirre e María Sánchez
Violoncelo Pau de Nut **Mariachis** Orquesta Solís **Campeão de Strongman de Espanha** Juan Carlos Heredia
Enfermeira Ana Teresa Poço **Figurinos** Josep Font e Angélica Liddell
Desenho de luz Carlos Marquerie **Assistente de desenho de luz** Félix Garma **Som** Felix Magalhães
Maquinistas Ernesto Ruiz, Renald San Miguel **Direção de cena** Carmen Menager
Assistente de produção María José Fernández **Produção executiva** Gumersindo Puche
Tradução e legendagem Joana Frazão **Uma produção** Teatro de La Laboral, Comunidad de Madrid e laquinandi S.L. **Co-produção** Centro Párraga e Festival de Outono da Comunidad de Madrid **Colaboração** Entrepiernas Producciones (México) **Agradecimentos** La Porta

Estreia a 19 de Outubro de 2009 no Teatro de la Laboral em Gijón

Sex 11, Sáb 12 de Fevereiro · 20h30

Grande Auditório · Duração: 5h00 com dois intervalos (de 15 e 25 minutos) · M18

Espectáculo em espanhol com legendas em português

No dia 2 de Outubro de 2008, dia do meu aniversário, sentia-me mal, estava fodida com o passar do tempo, e já tinha plena consciência de que tinha perdido tudo o que amava ou tinha amado. Estava assustada, furiosa e triste. Tinha praticamente deixado de ler e escrever. Nesse mesmo dia, 2 de Outubro, inscrevi-me num ginásio, o lugar da força e da resistência, em busca de um tipo qualquer de contradição ou alívio. E ali começou *La casa de la fuerza*.

Descobri que a extenuação física me ajudava a suportar a derrota espiritual. Esgotava-me. Eram exercícios de preparação para a solidão. Eram exercícios de *não-sentimentos* para aniquilar o excesso de sentimentos. Mas pouco a pouco a solidão impôs-se violentamente à força, e a partir daí a batalha entre a solidão e a força foi selvagem. De modo que a força me permitiu afundar-me na fragilidade, na imperfeição, na debilidade e vulnerabilidade. O superficial (a força, o sexo, as feridas, o público) converteu-se em seguida numa maneira de revelar as convulsões do espantosamente profundo. O superficial sinalizava o secreto.

Um dia em que estava a escrever na cinemateca, o auto-engano das três irmãs de Tchekhov retumbou como uma estalada sideral. “É preciso trabalhar”, dizia Irina, “É preciso trabalhar”. O trabalho revelava-se como uma forma de aniquilação. Para além disso, a segunda viagem ao México foi definitiva. Com efeito, até o comentário mais banal culmina em acção. Do mesmo modo que as piadas de judeus culminam em Auschwitz, as rotinas de desprezo pela mulher culminam no feminicídio. A humilhação quotidiana culmina nas mortas

de Ciudad Juárez, Chihuahua, e em leis deterioradas pela misoginia.

Talvez *La casa de la fuerza* seja a obra em que com mais frenesim tentei encontrar um sentido para a vida, era preciso sair do túnel fodido. A vida, esse lugar onde não vamos deixar mais rasto que uma lagarta esmagada num caminho, e ainda assim o amor fracassa, a inteligência fracassa, e destroçamo-nos uns aos outros, por cobardia, e humilhamos e somos humilhados, até ao fim.

Angélica Liddell

Pornografia da alma

Entrevista com Angélica Liddell

(...) **Como é que se definiria: dramaturga, encenadora, atriz, performer?**

Utilizo o palco como um meio. Tenho dificuldade em considerar-me atriz e como também não me considero dramaturga acho estranho ver as minhas peças montadas por outros. Os meus textos são concebidos para serem montados, são escritos durante um processo de encenação, não posso portanto evitar a comparação com as minhas próprias encenações. Não me sinto autora de teatro, nunca vivi o teatro desse ponto de vista.

Fundou uma companhia: Atra Bilis. Trabalha sempre com as mesmas pessoas?

No início a companhia resumia-se a duas pessoas: Gumersindo Puche e eu. Porque eu não suportava os actores. Estudei na RESAD, o conservatório de teatro de Madrid, e acabei por detestar os actores e as atrizes. Para a minha primeira encenação cheguei mesmo a utilizar marionetas, porque não me imaginava a ser um dia capaz de trabalhar com pessoas. Depois, com o passar do tempo, começa-se a conhecer gente, entra-se em contacto com pessoas que se pensa que nos podem compreender, a quem não vai ser preciso explicar tudo. E depois, sobretudo, comecei a colaborar com outras pessoas quando o meu trabalho se tornou mais conhecido. Não posso trabalhar com pessoas que não viram as minhas peças. É preciso que saibam onde é que se estão a meter. Seja como for, de um projecto ao outro

gosto de recorrer a novos actores. Foi o caso em *La casa de la fuerza*. Aliás, desde *Y los peces salieron a combatir contra los hombres* (2003) trabalho com Carlos Marquerie, que cria as luzes dos meus espectáculos. As luzes de Carlos fazem parte da poesia das minhas encenações. É mais do que um colaborador. Com outra pessoa os espectáculos não teriam nada a ver, porque ele completa-lhes a poética, o sentido. Com efeito, preciso de ter à minha volta pessoas de confiança, porque não confio em quase ninguém. Escrevo, em *La casa de la fuerza*, que “a minha única defesa é a desconfiança”. Gumersindo Puche e Carlos Marquerie são pessoas com quem posso trabalhar com toda a confiança.

Qual é a relação entre *La casa de la fuerza* e *El año de Ricardo* [os dois espectáculos apresentados no Festival de Avignon 2010]?

Julgo que só temos uma obra, com variações ao longo da vida. Entra-se em conflito com o palco, com as palavras. Passa-se por estados críticos onde tudo voa em pedaços, e nessas alturas perguntamo-nos: mas o que é que eu estou a fazer neste palco? Se estas duas peças são tão diferentes é porque correspondem a duas épocas diferentes: *El año de Ricardo* data de 2005, *La casa de la fuerza* de 2009. Refazer *El año de Ricardo* depois de ter encenado *La casa de la fuerza* é muito excitante. Quando entro em cena, estou a morrer de medo. Se pudesse não ir, não ia. Para mim, *El año de Ricardo* é um desafio: toco nos meus limites enquanto atriz. Em *La casa de la fuerza*, por outro lado, o desafio é o de sobreviver a mim própria. Neste espectáculo, trabalhei com a

dor. Não há mediação, não há personagem, não há um Ricardo III que faça de mediador. É a pornografia da alma, uma pornografia espiritual.

Quem é esta Angélica que aparece nalgumas das suas peças, por exemplo em *La casa de la fuerza*? É Angélica Liddell que fala em seu próprio nome?

Nas minhas últimas criações, sim. Totalmente, completamente. Tentando, para além disso, ultrapassar a barreira do pudor. O impudor ofereceu-me uma liberdade brutal. O impudor referente à minha própria vida: como uma defecação em cena. Quebrar a barreira do pudor pressupõe um esforço. É como passar a barreira do som. Dediquei-me a isso nas minhas três últimas criações: duas peças pequenas, *Anfaegtelse* e *Te haré invencible con mi derrota*, que cul-

minam em *La casa de la fuerza*. Trabalho com os meus sentimentos, que pertençam às minhas noites, ao que se passou na minha vida. Acontece-me convocar novamente sentimentos que ultrapassei, porque é com isso que trabalho. Foi esse o meu objectivo nestes dois últimos anos. Tudo isso torna-se objecto de uma construção, mas atenção: construir não significa fingir. Desloco-me numa linha tênue entre a construção e os sentimentos reais. Podia escolher: ganhar distância das minhas próprias palavras já construídas ou implicar-me no plano emocional. Escolhi esta segunda opção. Assim, de cada vez que termino *Te haré invencible con mi derrota*, digo a mim própria que não haverá uma próxima, porque é como se fosse um estado de demência controlada. De qualquer forma, acaba-se sempre por



© Julio Calvo

falar de si próprio, mesmo se se fala de um cão. A personagem de Ricardo, por exemplo, tem qualquer coisa de maniaco-depressivo. E eu sou maniaco-depressiva. A euforia e a depressão fui eu que lhas trouxe. Sei o que é estar nas nuvens sob o efeito da euforia e dar consigo a arrastar-se na lama cinco minutos depois. Evidentemente não sou a encarnação do mal, mas utilizei as minhas sensações, estes sintomas, para fazer evoluir a personagem. (...) Há ambiguidade em tudo isto, mas sempre gostei de falar de monstros. Comecei com *Frankenstein* em 1998. Depois houve *El Tríptico de la Aflicción*, três peças sobre o tema da degradação familiar, da monstruosidade da família: *El Matrimonio Palavrakis* (2001), *Once upon a time in west Asphixia* (2002) e *Hysteria Passio* (2003). Para coroar tudo, escrevi e montei *Lesiones incompatibles con la vida* (2003): um espectáculo de trinta minutos onde declaro não querer ter filhos. Passei da ficção à confissão.

Trata-se de uma forma de comprometimento?

Considero-me uma individualista, o que é aos meus olhos perfeitamente compatível com o facto de estar comprometida com o sofrimento humano. Há duas partes em nós, como dizia Miguel de Unamuno: uma parte de nós é de carne e osso, a outra parte é humanidade. Tento tornar as duas compatíveis. Mas não tenho a sensação de pertencer a uma comunidade, nem sequer a uma comunidade teatral. Considero-me antes uma resistente civil. Os compromissos ideológicos pareceram-me frequentemente fraudulentos. Sou incapaz de trabalhar ou de pensar em termos

colectivos. Prefiro resistir individualmente. Associa-se normalmente isto a um desprezo pelo humano, pelo sofrimento humano, mas não estou de acordo: quando falo da minha dor, ligo-a a uma dor colectiva. A dor do outro é tão real quanto a minha própria dor. A compaixão não é pèra doce: pôr-se no lugar do outro, fazer de forma a que a dor de outrem nos pareça tão real como a nossa. Em *La casa de la fuerza* faço uma ligação entre a minha dor individual e a das mães de Ciudad Juárez. Pedi às atrizes que fizessem o mesmo: que contassem as suas próprias experiências. Mesmo antes de este projecto existir, fui orientar um *workshop* no México. O meu primeiro contacto com este país foi uma revelação: abanou-me a sua forma de enfrentar a violência, a realidade tão brutal. Voltei lá alguns meses mais tarde. Encontrei pessoas que vinham do Estado de Chihuahua, de Ciudad Juárez. Essas pessoas compreendiam-me, compreendiam a minha forma de me comprometer com as emoções, mesmo se este teatro já não está muito em voga hoje em dia. Elas não faziam autocensura. Durante o *workshop*, cada um remexeu na sua própria lama.

Dor, humilhação, violência. Nas suas peças, as vítimas são frequentemente mulheres. É aliás esse o caso em *La casa de la fuerza*.

Falam-me às vezes de feminismo mas, como já disse, não tenho a sensação de pertencer a um grupo, de aderir a uma ideologia. Por outro lado, tenho plena consciência de ser mulher, isso sim. Tenho mesmo orgulho em ser mulher. Tal como tenho consciência da mortalidade ou da dor, tenho consciência – uma

brutal consciência – de ser mulher. Não posso evitar sentir-me mulher. Está enraizado em mim, não posso desfazer-me disso. E isso implica suportar uma série de coisas, como estes pequenos rituais de humilhação que nos são impostos pelo simples facto de sermos mulheres. É para mim inultrapassável. Tenho então de transformar a dor noutra coisa qualquer: uma coisa bela. Não que eu encontre beleza no horror, mas preciso de transformar o horror para sobreviver.

Como escrever o horror?

Com a minha peça *Belgrado*, cheguei a um limite. A linguagem já não era suficiente. A linguagem não está à altura do sofrimento humano. Optei então pela literalidade. Não sei como exprimir a dor a não ser copiando as manchetes dum jornal. *Belgrado* é uma peça da frustração. Depois da trilogia dos *Actos de resistencia contra la muerte* (*Y los peces salieron a combatir contra los hombres*, *El año de Ricardo* e *Y como no se pudrió... Blancanieves*), senti uma frustração profunda por causa do que separava o desejo da acção, a palavra da acção. Quais são realmente as consequências destas peças no mundo? Aliás, em *Belgrado*, a própria acção acaba por fracassar. Há na peça uma personagem de mulher, Agnes, que reconstrói os países despedaçados. Não vale a pena: os hospitais construídos de manhã acabam por arder à noite. Precisa então de se reencontrar: deixar de ser colectiva, deixar de ser Humanidade para voltar a ser mulher acima de tudo, acima da Humanidade. Sentir o Eu. E este é o meu processo; Agnes é a sua depositária. Projectei nela a frustração

que sentia na época relativamente ao comprometimento colectivo, à ética. Dou-me igualmente conta de que me liberto cada vez mais do anedótico. Existe nas minhas primeiras peças, mas já não me interessa. É preciso transformar a informação em conhecimento. Há coisas que podem ter um ar banal num jornal, não ensinar nada sobre o mal, sobre a perversão. No entanto, até a economia é uma perversão, é uma das formas do crime. Então, precisamente, tento transformar tudo em conhecimento. Tento, na medida das minhas possibilidades, revelar os limites do humano, o nível de degradação ao qual somos capazes de chegar. Tenho uma propensão, é verdade, para falar da podridão. A superfície não me maravilha, tenho tendência a meter o nariz onde se passeiam as baratas.

O corpo pode ser uma outra representação da dor...

Só o corpo engendra a verdade. É uma ideia muito medieval. Se o Michel Foucault me ouvisse, dava-me uma chapada! Dir-me-ia: ouve lá, miúda, já se evoluiu depois disso! Só que há mesmo qualquer coisa, no corpo, que está acima da vontade humana, dos desejos. O corpo engendra a verdade. As feridas engendram a verdade.

Entrevista de Christilla Vasserot
Festival de Avignon 2010



© Julio Calvo

Angélica Liddell

Angélica Liddell nasceu em Figueres, Girona, em 1966. Fundou em 1993 Atra Bilis Teatro, companhia com a qual montou, entre outros, os espetáculos: *La falsa suicida* (2000), *El matrimonio Palavrakis* (2001), *Once upon a time in west Asphixia* (2002), *Hysteria Passio* (2003), *Y los peces salieron a combatir contra los hombres* (2003), *Y como no se pudrió... Blancanieves* (2005), *El año de Ricardo* (2005), *Boxeo para células y planetas* (2006), *Perro muerto en tintorería: los fuertes* (2007), *La desobediencia* (2008), *Anfaegtelse* (2008) e *Te haré invencible con mi derrota* (2009).

Recebeu vários prémios, entre os quais o Prémio de Dramaturgia Inovadora Casa de América 2003 por *Nubila Wahlheim*, o Prémio SGAE de Teatro 2004 por *Mi relación con la comida*, o Prémio Olho Crítico Segundo Milénio 2005 em reconhecimento do seu percurso, o Premio Notodo do Público para o Melhor Espectáculo 2007 por *Perro muerto en tintorería: los fuertes*, o segundo lugar do Prémio Lope de Vega 2007 por *Belgrado* e o Prémio Valle-Inclán 2008 por *El año de Ricardo*.

É presença regular no festival Citemor, onde apresentou *Lesiones incompatibles con la vida*, *Broken Blossoms*, *Yo no soy bonita* e a vídeo-instalação *Temor y Temblor* (2007), *Boxeo para células y planetas* (2008) e onde estreou *Te haré invencible con mi derrota* (2009). O grupo Altacena encenou em 2003 o seu texto *Suicidio de amor por um defunto desconhecido*. A editora Intersidez publicou, em tradução de Alberto Augusto Miranda, *Tríptico da*

Aflição, que inclui as peças *O casa Palavrakis*, *Once upon a time in west Asphixia* e *Hysteria Passio*, bem como *Lesões incompatíveis com a vida*. Nos Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos está editado, em traduções de Joana Frazão e Raquel Marques, *Cão morto em tinturaria: os fortes e outras peças*, que inclui para além da peça que lhe dá título os textos *O ano de Ricardo*, *E como não apodreceu... Branca de Neve*, *E os peixes saíram para combater contra os homens*.

Mais informações:
www.angelicaliddell.com

Pop Dell'Arte

Música Qui 17 Fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12



Voz João Peste **Baixo** Zé Pedro Moura
Guitarra Paulo Monteiro **Bateria** Nuno Castedo
Percussão e programações Eduardo Vinhas

Os Pop Dell'Arte nasceram em Campo de Ourique em 1985. Da sua formação inicial mantêm-se o vocalista João Peste e o guitarrista Zé Pedro Moura (Paulo Monteiro juntou-se em 1995, Nuno Castelo surgiu em 2002 e Eduardo Vinhas em 2007).

Nesse mesmo ano, apresentaram-se ao 2º concurso de música moderna do Rock Rendez-Vous, na altura um grande acontecimento e rampa de lançamento para a maioria das bandas rock dos anos 80. Não tiveram o primeiro prémio mas recolheram o prémio de originalidade. Desde então, ao longo destes 25 anos de carreira, com formações diferentes, se têm mantido como uma das bandas mais revolucionárias, mais inovadoras da pop portuguesa. Em constante reinvenção, mas sempre mantendo uma sólida identidade.

As suas gravações foram, todas elas, recebidas com os maiores elogios da crítica. Os seus discos eram presença constante nas listas dos melhores álbuns portugueses de sempre ou das décadas respectivas da música portuguesa. Várias vezes foram considerados como a melhor banda do ano, e as suas aparições ao vivo foram enormes sucessos. Houve anos que pararam, mas logo renasciam, com a força de sempre.

Em 2010, completaram 25 anos e gravaram *Contra Mundum*, 15 anos depois do seu último CD de longa duração com originais. A edição do disco foi um acontecimento, celebrado por toda a comunicação social. Os elogios foram unânimes e enfáticos. Vamos ouvi-los ao vivo num espectáculo que, como todos os seus espectáculos, ficará na memória de quem a ele assistir.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

